

## UM BREVE ENTRELAÇAMENTO ENTRE OS FIOS DE HELLER, LEFEBVRE, PAIS E CERTEAU NA COMPREENSÃO DA VIDA COTIDIANA

FIORIO, Angela Francisca Caliman<sup>7</sup>  
[angelaflorio@ig.com.br](mailto:angelaflorio@ig.com.br)  
 Universidade Federal do Espírito Santo

“Eu não vivo no passado mas o passado está em mim.”

Paulinho da Viola

**Resumo:** O tempo presente não é por si só suficiente para responder pela complexidade da nossa realidade e pelas questões que nela se colocam. Dessa indagação incessante, desse vaivém entre passado e presente, acabamos por historicizar o agora e torná-lo compreensível. Os autores, aqui reunidos, entrelaçam os fios: tratam de Lefebvre, Heller, Pais e Certeau. Mas também da análise de alguns caminhos pelos quais a temática do cotidiano trilhou, a fim de compreender seus movimentos no âmbito da pesquisa educacional brasileira, envolvendo esforços tanto teóricos quanto metodológicos na busca por novas formas de entendimento do cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Cotidiano. Pesquisa. Educação.

### INTRODUÇÃO

Tendo em vista que em torno da temática do cotidiano encontramos diferentes interpretações e perspectivas, trataremos de alguns de seus aspectos reunidos nas obras de Lefebvre (1991), Heller (1970), Pais (2003) e Certeau (1994) procurando conhecer os lugares a partir dos quais esses autores articulam seus discursos. Longe de pensar em reduzir ou fixar os discursos desses autores a um determinado *espaçotempo*, pretendo trazer, na perspectiva da história-duração, os elementos que se compõem com o agora, a fim de compreender alguns fios e desafios tecidos sobre a pesquisa com o cotidiano.

O objetivo deste texto é tecer considerações sobre os sentidos da vida cotidiana, procurando compreender sua importância e suas implicações no campo da pesquisa em educação, bem como as possibilidades de resistências para reversão do cotidiano concebido numa perspectiva homogênea e reprodutora. Para adentrar a "vida cotidiana" é fundamental a compreensão de conceitos básicos, para desenvolver sua articulação com o *locus* da pesquisa. Nesse sentido, a compreensão do conceito de vida cotidiana considera a necessidade deste estudo em apoiar-se nas contribuições de quatro autores - Agnes Heller (1970), representante

---

<sup>7</sup> Professora da Educação Básica da rede pública e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo na linha de pesquisa Cultura, Currículo e Formação de Educadores, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço.

do grupo de pensadores da Escola de Budapeste; Henri Lefebvre (1991), intelectual importante na cultura francesa, chamado por George Gusdorf de “estrela do marxismo”; José Machado Pais (2003), coordenador do Observatório Permanente da Juventude Portuguesa e atual presidente do Observatório das Actividades Culturais; e Michel de Certeau (1994), historiador francês, conhecido por desenvolver uma teoria das práticas cotidianas sob a perspectiva historiográfica. Certeau (2011) modificou o “gênero” historiográfico ao introduzir nele a necessidade de assumir a “ficção”. O autor substituiu o discurso “objetivo” – aquele que visa representar o real, pela figura da “ficção” entendida como um texto que declara sua relação com o lugar singular de sua produção.

Conforme anunciado no título, o artigo - *um* - procura exprimir de forma indeterminada, que na perspectiva da duração, a busca pela compreensão histórica não consiste em *reencontrar* pessoas e posses. A indeterminação é apresentada aqui como uma força que nos move e nos inquieta a partir da qual nos colocamos a pensar: *“ando e penso sempre com mais de um”!* Esse vazio, contido no artigo *um*, está implicado numa noção de tempo em que o sentido pretende valer não pelo que foi dado, mas pelo que pode ser construído/criado. Neste caso, a indeterminação se torna plena de forças e paixões implicadas nessa interpretação. E, para começo de conversa, passo a traçar algumas linhas desse pensamento...

## A VIDA COTIDIANA COMO PALCO CENTRAL DA HISTÓRIA EM LEFEBVRE

Passando por (LEFEBVRE, 1991), autor que levou sua vida teorizando sobre a luta de classes, a temática do cotidiano recebeu uma leitura marxista.

“Mas e o cotidiano? Aí tudo conta, porque tudo é contado: desde o dinheiro até os minutos. Aí tudo se enumera em metros, quilos, calorias. E não apenas os objetos, mas também os viventes e os pensantes” (LEFEBVRE, 1991, p. 27). O autor indaga sobre o que seria cotidiano: Soma das coisas? Reflexão inferior do “*vivido*”? Interpretação da experiência? Para Lefebvre (1991, p. 17) “a vida cotidiana se apresenta como não-filosófica, como mundo real em relação ao ideal”. A principal tese desenvolvida por Lefebvre (1991) consiste na relação entre vida cotidiana e modernidade, na qual a filosofia se proclama superior à vida cotidiana, na tentativa de separar a sua pureza da impureza da vida cotidiana, reverberando o antigo dilema que sustenta a dualidade entre o mundo das ideias e o mundo real.

A partir de suas formulações teóricas, (LEFEBVRE, 1991, p. 21) nos convida a tomar uma decisão: “ou erigimos em absolutos, em idéias platônicas as instâncias que se elevam acima do cotidiano com a pretensão de regê-lo – ou então [...] ajudamos a humilde razão do cotidiano”.

A filosofia sempre viu o cotidiano de cima, do alto da montanha, e o que acontece embaixo, no cotidiano, é depreciado, desvalorizado, considerado nada mais que “resíduo”. Essa desqualificação é sustentada pelo desejo dos especialistas – “os de mais alto saber” – em reger e controlar a vida no cotidiano. A partir desse esquema hierárquico, a racionalidade moderna separou o não-filosófico do filosófico, a teoria da prática, a vida espiritual da vida material, considerando verdadeiros, somente, os saberes provenientes da Razão, da Ideia.

O ponto de partida para (LEFEBVRE, 1991, p. 20), em sua análise do cotidiano, “é a interação dialética da qual seria impossível não partir”. Para isso, ele busca a unidade entre o filosófico e o não filosófico, ou seja, o conhecimento racional e a vida real.

Segundo (LEFEBVRE, 1991, p. 30), o cotidiano é o lugar dos conflitos, “dos problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social dos seres humanos”. Ao tomar o cotidiano como fio condutor para conhecer a sociedade, o autor quer situá-lo na estrutura global do Estado, da Cultura e da Ciência deixando entendido que não há fatos sociais que não estejam relacionados, nem grupos sociais que não estejam reunidos.

Outro aspecto central na análise do autor é que a produção não se desenvolve nas altas esferas da sociedade, nos âmbitos da Ciência, da Cultura e do Estado, ou seja, na classe burguesa, pois esta vive um eterno dia de “domingo”. Para ele, o centro real da produção é a vida cotidiana, na qual vive enquadrada e obrigada a classe operária:

O termo produção readquire um sentido amplo e vigoroso [...]. A produção não se reduz à fabricação de produtos. O termo designa, de uma parte, a criação de obras (incluindo o tempo e o espaço), em resumo, a produção “espiritual”, e, de outra parte, a produção material [...]. Ele designa também a produção do “ser humano” [...]. Isso implica a produção de relações sociais (LEFEBVRE, 1991, p. 37).

A sociedade para Lefebvre (1991, p. 38) é, em primeiro lugar, a estrutura econômica – o trabalho, os dias, as horas, um cotidiano atravessado por repetições e obrigações. Seguem-se “enfim as superestruturas: o Estado, as elaborações jurídicas e outras instituições”. Assim, o “cotidiano é o produto do conjunto social”, resultado das tensões e lutas entre a burguesia e a classe operária. Esta, insatisfeita com sua cotidianidade provoca transformações para mudar de vida.

Na luta pela emancipação social da classe trabalhadora, a “alienação” se coloca como uma barreira, encobrindo o cotidiano com falsas ideologias, afastando-o de seu lugar de produção e criação. A alienação social transforma a consciência criadora numa consciência passiva e infeliz. A consciência de classe se coloca como uma condição de rompimento com o cotidiano e como possibilidade de fuga para outra vida (LEFEBVRE, 1991, p. 40).

Em sua relação com a modernidade, o cotidiano passa a ser explorado de forma racional pela burguesia. Segundo Lefebvre (1991, p. 61), isso reflete, principalmente, no controle dos usos e consumos do tempo: “*tempo obrigatório*”, “*tempo livre*” e “*tempo imposto*”. A partir desse controle, a vida é controlada, havendo tempo para se divertir, tempo para estar com a família, tempo de trabalhar e o cotidiano deixa de ser sujeito (criativo e produtivo) para se tornar objeto (passivo e sem criatividade).

#### A VIDA DE TODO DIA NA LEITURA DE AGNER HELLER

Na teorização de Agnes Heller, que também passa por uma leitura dialética, a estrutura da vida cotidiana é estudada, principalmente, sob a ótica da ética. Esta categoria é tema central em sua análise por tomá-la como possibilidade de superação da atividade cotidiana e condição de sua elevação à atividade humano-genética:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente (HELLER, 1970, p. 17).

Para essa autora, a vida cotidiana é o centro da história e as grandes ações humanas só se tornam históricas quando chegam até o cotidiano. Da mesma forma que a vida cotidiana se afeta pelas grandes ações, ela é também o ponto de partida pelo qual a ciência e a arte se colocam e elaboram suas problematizações, uma vez que o cientista e o artista nela também vivem. Mesmo que dela se distanciem para produzirem seus trabalhos com o máximo de “pureza” de consciência, as particularidades do artista e do cientista “intervêm na própria objetivação de sua obra” (HELLER, 1970, p. 27).

O homem da cotidianidade, segundo (HELLER, 1970), é ao mesmo tempo “particular” e “genérico”, ou seja, manifesta suas paixões e seus desejos de forma singular e como não se realiza por si só, é produto das relações sociais as quais ele herda e preserva. A autora cita a

participação na política como exemplo de uma atividade genérica sobre a qual o homem se manifesta de diferentes maneiras.

O grande desafio do homem da cotidianidade está colocado na unidade entre o particular e o genérico que, para Heller (1970), é uma mera possibilidade, tendo em vista que, na vida cotidiana, a maioria esmagadora experimenta uma “muda unidade vital de particularidade e genericidade”.

A base dessa unidade está na capacidade de o homem tomar decisões com consciência tendo clareza da relação entre ações e consequências. Mas Heller (1970, p. 24) não tem ilusões a respeito dessa unidade consciente: “[...] nenhum homem é capaz de atuar de tal modo [...] a fim de que seja capaz de decidir elevando-se acima da cotidianidade”.

Segundo Heller (1970), esse processo de relação entre ações e consequências não faz parte da estrutura da vida cotidiana, porque tem na espontaneidade sua principal característica. Isso significa que o homem da vida cotidiana atua na incerteza e na probabilidade, ou seja, não há um processo consciente/reflexivo entre as ações e suas consequências. O homem atua sempre numa situação concreta e imediata. Sendo assim, o ritmo fixo, a repetição e a regularidade do cotidiano estão absolutamente implicados nessa atividade espontânea.

Diante da alienação, o indivíduo se fragmenta e participa das atividades genéricas sem refletir sobre suas consequências, então, a relação entre sua cotidianidade e a atividade genérica torna-se, segundo Heller (1970), uma atividade muda em que os dois elementos funcionam em si [sem relação] e não são elevados à consciência.

Com o aparecimento da individualidade na estrutura da vida cotidiana moderna, a particularidade passa a ter vitória sobre a vida genérica, colocando o interesse individual sobre o coletivo. O aumento dessa possibilidade suscitou a ética e ela surge como uma intimação para que o indivíduo submeta sua particularidade ao humano-genérico.

Para Heller (1970), as escolhas orientadas pela ética não negam as motivações particulares, “apenas as convertem em motor da realização humano-genérico”. Essas escolhas vinculadas à consciência diminuem a distância entre ação e consequência e se elevam acima da cotidianidade por romperem com a relação “muda” entre particularidade e genericidade.

De acordo com Lukács (Apud HELLER, 1970, p. 26), as formas de elevação da vida cotidiana mais duradouras são a arte e a ciência, porque “[...] rompem com a tendência espontânea do pensamento cotidiano, tendência orientada ao EU individual-particular”. As obras artísticas e científicas promovem a elevação do cotidiano para o humano-genérico e este abre caminho para a homogeneização: “*homem inteiro*”, consciente de si, centrado, fixado.

Um homem entregue por inteiro a uma única causa, num ato de decisão voluntária e consciente. Assim, o “*grande artista*”, “*o grande cientista*”, “*o revolucionário*”, etc., fazem do homem inteiro a essência básica de sua vida. (HELLER, 1970, p. 29).

Enfim, a atividade prática do indivíduo só se eleva acima da cotidianidade, ao nível da práxis, quando for orientada pela ética e suas ideias atinjam o nível da teoria, senão, torna-se uma atividade orientada pela experiência repetitiva de todos os dias, meramente cotidiana...

Tanto para Lefebvre (1991) quanto para Heller (1970), a alienação entra como uma categoria de análise em suas teorizações na medida em que a colocam como um dos maiores impedimentos da emancipação da vida cotidiana. Nesse sentido, a consciência de classe e a ética aparecem como condição de rompimento com a vida cotidiana, no sentido de elevá-la à categoria humano-genérica, provocando mudanças, tornando o cotidiano produtivo e criativo.

No entanto, o que é potente para o nosso pensamento, na busca pela compreensão da trajetória da temática do cotidiano, se refere ao fato de que ambos os autores nos convidam a tomar o cotidiano como ponto de partida e fio condutor de nossas análises uma vez que a vida cotidiana é o palco central da história, ou seja, um campo repleto de possibilidades que giram em torno da Arte, da Ciência e da Filosofia. Os citados autores procuram salvar o cotidiano de leituras equivocadas que o coloquem numa condição de inferioridade, numa posição desqualificada diante da filosofia e dos especialistas de “mais alto saber”, problematizando a relação entre a vida cotidiana e a modernidade.

## A VIDA COTIDIANA COMO UMA VIA DE CONHECIMENTO EM PAIS

Sob um novo olhar, outro toque é dado ao estudo da vida cotidiana. Paralelo aos modelos estruturalistas, Pais (2003) situa o cotidiano numa perspectiva mais metodológica do que teórica:

Definimos o cotidiano como uma rota de conhecimento. Quer isto dizer que o cotidiano não é uma parcela isolável do social. Com efeito, o cotidiano não pode ser caçado a laço quando cavalga diante de nós na exacta medida em que o cotidiano é o laço que nos permite “levantar caça” no real social, dando nós de inteligibilidade ao social (PAIS, 2003, p. 31).

Por trás da aparente rotina de todos os dias, esconde-se a trama que trança os fatos e o cotidiano é o meio, a via pela qual se chega ao conhecimento real, trabalhando com a lógica da descoberta por meio dos indícios.

O que está em jogo para Pais (2003), é recuperar aspectos da vida social que escapam aos rígidos modelos científicos. Esses modelos funcionam como “*espartilhos*” que aprisionam o “*vivido*” numa camisa de força.

A lógica da “*descoberta*”, segundo Pais (2003), consiste numa busca obsessiva pela realidade. Feito marinheiro, o pesquisador não tem porto seguro, seu método é a viagem sob constante vigilância. A aparente calma da superfície não o tranquiliza, sondas ao mar são jogadas e, feito bisbilhoteiras, vasculham tudo em busca de sons, sinais, indícios que possam ser reveladores.

O conhecimento objetivo não pertence à lógica do descobrimento, por isso Pais (2003, p. 45) o rejeita e “explora as múltiplas vias do conhecimento, por meio dos desvios”. Dada a fluidez da realidade cotidiana, a metodologia da sociologia do cotidiano segue sem modelos apriorísticos ou concepções universais. Ao explorar os “desvios”, o pesquisador desenvolve teorias em função dos achados no trabalho de campo.

Os “desvios”, aos quais se refere Pais (2003, p. 44), são com relação a alguns “epistemocentrismos”. Há que abrir brechas para o desenvolvimento de uma [pesquisa] descomprometida com os dogmas e ancorada ao mundo da realidade cotidiana. Neste sentido, o que interessa ao pesquisador do cotidiano é o “*vivido*”, o praticado. As falas, por si só podem não ser tão reveladoras quanto ao que é feito, por isso Pais sugere que nos embrenhemos nos “acontecimentos cotidianos”, nas “interações fluidas”, na “multidão das relações”. Na tentativa de captar o que não é visto sob as aparências, recuperam-se saberes, fazeres e vozes do senso comum, aspectos que não se enquadram nas pesquisas, que trazem como ponto de partida um quadro teórico fechado, absoluto e inflexível à realidade.

Como turistas presos a roteiros, os pesquisadores positivistas só conseguem “olhar” aquilo que seu quadro teórico permita que seja visto. Enquanto isso, os pesquisadores do cotidiano, feito viajantes aventureiros, saem em busca de roteiros alternativos, de lugares pouco visitados, fora do circuito conhecido. Nesse passeio pela realidade, o pesquisador não encontra “objetos” diferentes, o que muda é a perspectiva de seu olhar, seu ângulo de visão muda o foco, chega mais perto, até se misturar, e agora, como decifrar a realidade?

A realidade nos emite sinais, mensagens, pistas e o caminho para decifrá-la, segundo Pais (2003, p. 76), é tomar o cotidiano como fio condutor de análise sem perder de vista que ele faz parte da realidade social na qual se insere, o que significa relacioná-lo com o poder, com a ideologia, com a autoridade, com a desigualdade social, etc.

A abordagem qualitativa facilita a penetração na vida cotidiana por serem/conter projetos mais flexíveis e abertos, permitindo novas determinações vindas da realidade. A

caminho da investigação, o esforço primeiro gira em torno da problemática que se constrói com sensibilidade teórica, mas o quadro teórico mais abrangente tem como ponto de partida os dados coletados na pesquisa de campo que são articulados aos conceitos utilizados.

Sendo assim, as narrativas ou a escritura da realidade tornam-se um processo de diálogo com as vozes do senso comum. Isso se viabiliza mediante a ruptura com os cânones da ciência positivista que só escutam as vozes “*doutas*” dos “*especialistas*”, marcadas por linguagem rebuscada, compreensível somente para os iniciados. Segundo Pais (2003, p. 44), “essa prática tende a camuflar a produção do conhecimento”.

#### UMA REVIRAVOLTA: AS INVENÇÕES DA VIDA COTIDIANA EM MICHEL DE CERTEAU

Independentemente das diferentes orientações teórico-metodológicas dos autores ditos neste texto, os estudos sobre a vida cotidiana apontam a complexidade de seu conteúdo. Isso sugere, entre outros aspectos, que as reflexões sobre a vida dos gestos, das artes do fazer e do falar, das atividades rotineiras e do mundo dos sujeitos têm nas singularidades sua maior marca. No entanto, o que nos chama a atenção na teorização de Certeau (1994) é sua crença posta no caráter político das práticas, que para além das ideias de alienação e emancipação, acredita na capacidade de invenção dos praticantes do cotidiano em subverter a lógica dominante na medida em que não toma ninguém por idiota.

A partir do entendimento de que a produção cotidiana não segue modelo homogêneo, as narrativas generalizantes tornam-se insustentáveis na medida em que o cotidiano é o lugar da expressão das diferenças e do novo. Assim, uma narrativa só ganha sentido se situada no tempo e no espaço e o tempo e o espaço só ganham sentido com as “assinaturas” e com as relações de uso que estabelecem com os diferentes atores. Daí, que os tempos e os espaços terão tantas “*assinaturas*” quanto atores, do contrário, os tempos e os espaços serão como “*folhas em branco*” e sobre elas continuarão a dar tom?

“[...] os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público [...]” (CERTEAU, 1994, p. 57). Desta forma, seus estudos se dirigem a uma multidão de heróis comuns que perdem nomes e rostos, que ficam escondidos porque os “*sistemas totalitários*” não deixam a essas pessoas um “lugar onde possam marcar o que fazem”. A essa produção racionalizada, marcada pelos especialistas da ordem política, econômica e científica, centralizadora e barulhenta, corresponde outra produção, de caráter



secundário, qualificada por Certeau (1994, p. 39) de “*consumo*” ou “*uso*”: “esta é astuciosa, é dispersa [...] se insinua silenciosa e quase invisível”, e marcada pelas maneiras de usar os produtos impostos pela ordem dominante.

A pesquisa de Certeau (1994) se situa no distanciamento entre a produção racionalizada e a produção secundária, marcada pelos “modos de produção” populares (cotidianos). O cotidiano se inventa de mil maneiras e, para ele, o importante é descobrir como uma sociedade inteira não se reduz à passividade, formando a contrapartida dos dominados. Essa atividade hoje é exercida por uma marginalidade que não é minoria, mas uma marginalidade de massa, atividade dos não produtores, atividade não assinada. Tais atividades subversivas revelam a criatividade dos mais fracos em tirar partido do dominador e a politização das práticas cotidianas.

“Estas mil e uma maneiras de fazer” não obedecem a um modelo, uma vez que se insinuam de forma heterogênea, indisciplinada e silenciosa, porque não têm espaço próprio, seus interesses e desejos são desenhados no terreno instituído pelo dominador. Então, elas investem no tempo, tirando dele a melhor “*ocasião*” para agir. Esses minúsculos procedimentos cotidianos alteram a ordem dominante e são exercidos por uma arte, ou seja, ao mesmo tempo em que é cumprido, é burlado. Essas “*maneiras de fazer*” são as mil e uma práticas pelas quais os “usuários” do cotidiano deixam suas marcas, seus registros, suas histórias.

Para Certeau (1994), muitas dessas práticas cotidianas são do tipo “tática”, o que quer dizer que elas articulam seus embates e seus prazeres tendo como ponto de partida a inteligência e a criatividade e, por serem “um mundo velho sem porteiras”, estão sempre a se reinventar, ao passo que as estratégias têm seus objetivos e seus discursos articulados a um “lugar”, que pode ser uma instituição científica. Esse lugar próprio lhe confere a base de poder que sustenta uma produção racionalizada e centralizadora.

Talvez seja pertinente situar aqui, a crítica que Certeau (1976) fez às instituições científicas da França, porque certamente estão relacionadas com a noção de estratégia desenvolvida em sua pesquisa. Sua crítica mais forte se dirigiu à instituição histórica da qual ele fazia parte, por manter um discurso “científico” afastado do “corpo social”, além de ser uma instituição fortemente hierarquizada e centralizadora, que tinha nas questões sociais o seu “não dito”, ou seja, uma produção ancorada nas doutrinas e nos cânones de uma ciência, uma forma, também, de garantir o domínio sobre o lugar (CERTEAU, 1976, p. 22).

Numa sociedade como a nossa, em que vigora ainda a distribuição desigual do poder, seja ele econômico, político, de voz, entre outros, as táticas servem aos mais fracos como

escapatória às verdades impostas, organizadas pelas instituições e pelas autoridades. Ao sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas, supondo que são do tipo tático, Certeau (1994) rejeita a ideia de passividade, conformismo e aceitação sem contestação por parte do mais fraco.

Sendo assim, Certeau (1994, p. 58) quer encontrar meios para distinguir essas “maneiras de fazer”, uma das quais é “dar a palavra” ao herói comum: “trata-se de ouvir uma multidão de heróis que perdem nomes e rostos [...] para que aflore todo um não dito”.

Para este autor, “dar a palavra” às pessoas comuns corresponde a uma das suas principais intenções, pois, para ele os relatos estão colados às práticas e deles surgem “lembranças, gestos de mão, decisões e sentimentos, receios e reticências é todo um não dito silenciado pelo cumprimento das tarefas cotidianas” (CERTEAU, 1994, p. 26).

Dando continuidade a seu trabalho de buscar e compreender as marcas deixadas pelos sujeitos praticantes, ou seja, as táticas e usos, Certeau (1994, p. 15) afasta de seu projeto a sondagem estatística. Isso não quer dizer que ele despreze as estatísticas, mas somente por ser um processo de investigação limitado, que deixa escapar o que mais lhe interessa: “as operações e os usos, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes”.

A estatística não leva isso em conta, ela se contenta em classificar, calcular, selecionar, organizar e transformar os dados em algo que se possa reproduzir. O que pertence às operações heterogêneas fica fora de seu campo porque a estatística só encontra o que é homogêneo, ou seja, “contabiliza-se o que é usado, não as maneiras de utilizá-lo” (CERTEAU, 1994, p. 98).

“Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber”. A este olhar totalizador, Certeau (1994, p. 171) refere-se aos pesquisadores que se colocam à distância da realidade e, como Ícaro, transformam-se em voyeurs. Olhando de cima, o pesquisador exclui-se do obscuro entrelaçamento dos comportamentos do dia-a-dia e faz-se estranho a eles.

Esses olhares pertencem às operações estratégicas e científicas que do alto de suas torres, impossibilitadas de “ver” as microrresistências, nivelam todos ao patamar da passividade: “gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitiçado pelos poderes invisíveis do Outro” (CERTEAU, 1994, p.99). Essa visão panorâmica da realidade é uma ficção na medida em que ela se constrói a partir do desconhecimento das práticas, e, quando os projetores apagam suas luzes, lá “embaixo”, onde cessa a visibilidade, vive a multidão de praticantes...

## A TEMÁTICA DO COTIDIANO NA PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA: UMA HISTÓRIA EM CURSO

As primeiras experiências de estudos sobre o cotidiano escolar, segundo (ALVES; OLIVEIRA, 2002, p. 79), partiram da ideia do cotidiano escolar como sendo uma “caixa preta”, que foi difundida nos Estados Unidos. “Caixa preta” é uma metáfora usada em várias áreas, como na mecânica e na administração, cujo sentido está relacionado ao desconhecimento do seu funcionamento interno.

Ao migrar para o campo educacional, especialmente para entender o funcionamento do cotidiano escolar, tal metáfora opera no sentido de colocá-lo num lugar inacessível a qualquer entendimento ao negar a possibilidade de conhecimento do que é feito no interior das escolas. Entendido como uma “caixa preta”, o cotidiano escolar passa despercebido pelas autoridades que, não se importando com o que ali acontece, mede trajetória de seus praticantes pelos resultados: “Envia-se lá para dentro [das escolas] recursos – humanos e materiais- e verifica-se o trabalho lá dentro desenvolvido através de provas gerais (nacionais), cujos resultados nos dão conhecimento do que lá se passou em certo período” (ALVES; OLIVEIRA, 2002, p. 80).

Uma interpretação tão reduzida do cotidiano escolar verifica-se nas políticas educacionais em que toda culpabilização dos resultados indesejáveis recaem sobre os professores. Dessa forma, a escola passa a ser compreendida apenas pelo que as autoridades planejam e avaliam, nunca pelos sujeitos que de fato vivem, diariamente, a escola.

A partir do momento em que novas referências começam a fazer parte dos estudos com o cotidiano no Brasil, chega-se à compreensão de que abordagens hegemônicas não dão conta de apreendê-lo. Assim, autores como Stake (1983a; 1983b) passam a influenciar várias pesquisas no Brasil, especialmente, por focar em seus estudos duas importantes questões metodológicas: por um lado, a necessidade de cruzamento de fontes a partir da observação do que, diariamente, se passa na escola, e, por outro lado, a impossibilidade de generalizações das conclusões nesses estudos [...] (ALVES; OLIVEIRA, 2002, p. 82).

A partir das propostas de Stake, abre-se um novo movimento em torno dos estudos com o cotidiano escolar no Brasil, desta vez, afinado com as questões da complexidade. Outras vozes, vindas agora de Stenhouse (1991), contribuem para que se passe a compreender o cotidiano escolar a partir de dentro, ou seja, a partir dos processos vividos pelos múltiplos sujeitos que frequentam a escola diariamente e para que esses processos sejam incorporados nos conhecimentos. Segundo Alves; Oliveira (2002, p. 23), as formulações de Stenhouse

partem do entendimento de que as diferenças culturais compõem tanto nossas escolas quanto nossa sociedade.

Com relação a esse movimento, as autoras apontam também a participação de Rockwell; Ezpeleta (1996) que, por meio de seus estudos, incluíram nas pesquisas do cotidiano no Brasil, a preocupação de analisar as escolas a partir do que elas são e do que nelas é feito, sem julgamento, a priori, de valor.

O conhecimento científico da modernidade construiu suas bases de validade a partir de processos quantificáveis e nesse universo de saber não estão incluídos os saberes das pessoas comuns. Isso quer dizer que os conhecimentos vindos dos cotidianos são considerados como senso comum, portanto, desqualificados pelo conhecimento científico. Diante disso, Alves; Oliveira (2002, p. 84) fundamentam os estudos do<sup>8</sup> cotidiano a partir de uma crítica ao modelo da ciência moderna na tentativa de expor os processos pelos quais foram negligenciados os aspectos qualitativos e singulares da vida cotidiana.

Esses aspectos são desprezados pela sondagem estatística que só consegue calcular, classificar e selecionar, além de vir sempre acompanhada pela necessidade de generalizar. Desse modo, a vida cotidiana é abordada, somente, a partir do que é quantificável e o que escapole a esse modelo ocupa qual lugar na epistemologia?

Neste sentido, os estudos do cotidiano vão buscar recuperar a importância daquilo que não integra as estatísticas para redefinir o próprio cotidiano. Nesse intuito, as autoras lançam mão da teorização de Michel de Certeau como um forte interlocutor. Esse é, também, o ponto de partida para se pensar o cotidiano para além da reprodução, tendo em vista que a abordagem qualitativa fica atenta às diferentes expressões locais Alves; Oliveira (2002, p. 85).

O relevante para a análise qualitativa é buscado no “como”, porque revela as variadas formas de fazer que nunca se repetem. Porém, a intenção de Alves; Oliveira (2002, p. 87) é analisar a atividade cotidiana, pensando-a tanto qualitativamente quanto quantitativamente, na tentativa de superar a dicotomia entre ambos os aspectos, por entender que são processos implicados entre si.

Isso quer dizer que estamos envolvidos numa rede de saberes e fazeres, tanto complexos quanto diferentes, que só se tornam compreensíveis se buscarmos referências que nos ajudem a tecer novas formas de entendimento dos processos de criação de ações e de suas múltiplas formas de manifestação. Certamente, este é um dos maiores desafios da pesquisa com o cotidiano, sobretudo, porque estamos em constantes processos de mudança

---

<sup>8</sup> Nessa época, os cotidianistas ainda não usavam a preposição “com”, daí a tentativa de usar uma escrita, ainda usual nesse período, para marcar uma história.

que ganham sentidos diferentes “nos múltiplos espaços/tempos cotidianos nos quais nos inserimos”. Segundo Alves; Oliveira (2002, p. 88) não podemos perder de vista que a dinâmica de nossos fazeres e saberes são a materialização de “processos históricos mais amplos que nos formam, sejam eles culturais, sociais, familiares, políticos ou outros, e que são constitutivos de nossas identidades individuais e coletivas”.

Muito esforço teórico e metodológico tem sido feito na busca por novas formas de entendimento do cotidiano escolar, e, nesse sentido, as autoras desenvolvem alguns movimentos necessários à sua compreensão. Para começar, é preciso romper com alguns saberes pertencentes à lógica da modernidade na medida em que foram construídos sobre a negação dos saberes provenientes da vida cotidiana.

Isso significa que nossa relação com a teoria acontece sob permanente diálogo e não numa relação feita à distância, de estranhamento e de subordinação que nos coloca à parte de nossos sujeitos das escolas. Nessa relação com as teorias, as autoras sugerem que as aceitemos como limites e não só como potencialidade em nossas pesquisas (ALVES; OLIVEIRA, 2002).

A maior expressão da cotidianidade é a produção de diferentes e complexas redes locais, tornando-se insustentável a possibilidade de obtermos “dados” com validade geral em nossas pesquisas. Sendo assim, as autoras afirmam a importância das “incertezas” no sentido de sermos receptivos a novos “dados” da realidade que antes não havíamos percebido.

Outro importante movimento levantado pelas autoras, na busca pela compreensão do que é feito nas escolas, “é a tentativa de ouvir as vozes dos que a fazem cotidianamente”, dando sentido a uma pesquisa que tenha como ponto de partida os sujeitos praticantes e não um quadro teórico apriorístico, fechado, que não aceita articular-se com a realidade pesquisada (ALVES; OLIVEIRA, 2002, p. 95).

Por fim, na teorização de Alves (1998a; 1998b apud ALVES; OLIVEIRA, 2002), o cotidiano é entendido como o local da “tessitura do conhecimento em rede” e se assim o aceitamos, significa que necessitamos articular os saberes aí produzidos com os saberes já bastante conhecidos e naturalizados pela ciência moderna. Dessa maneira, os saberes tidos como “verdades universais” ficam submetidos ao questionamento dos praticantes do cotidiano escolar.

Segundo as autoras, é a partir dessa abertura a novos saberes, produzidos e vividos por pessoas reais, no cotidiano escolar, que se encaminham os estudos em currículos reais na atualidade. Sendo assim, fica entendido que os estudos curriculares, desencadeados a partir

da ideia do conhecimento em rede, têm nos estudos com o cotidiano escolar a possibilidade de sua realização.

Diante das questões expostas sobre a trajetória da temática do cotidiano, sobretudo do cotidiano escolar, nossa intenção, juntamente com os cotidianistas, é rompermos com uma longa e tenebrosa tradição de pesquisa “sobre” o cotidiano que busca explicar por que os professores não conseguem ensinar corretamente os seus alunos e, em contrapartida, tentarmos compreender “com” a escola as múltiplas redes de saberes e fazeres dos sujeitos que a praticam cotidianamente...

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. V. 2.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.